

# Verbos Cognitivos Parentetizados na Escrita Acadêmica: um estudo em teses e dissertações

Lilian Yumi Okamoto Santana dos Passos<sup>1</sup>

## RESUMO

No presente artigo, temos como propósito analisar o uso de verbos cognitivos parentetizados em teses e dissertações, destacando sua função na expressão da subjetividade em textos acadêmicos. Verbos como *acreditar*, *pensar*, *supor* e *crer* permitem que os autores expressem julgamentos e opiniões de forma equilibrada, sem comprometer a objetividade do discurso científico. A pesquisa investiga como esses verbos, ao assumirem função parentética, se assemelham a advérbios, contribuindo para a construção de sentidos. Os resultados revelam que a escrita acadêmica formal incorpora esses verbos para manter a subjetividade de forma adequada, enriquecendo a argumentação e valorizando o posicionamento autoral.

**Palavras-chave:** Verbos Cognitivos; Parentetização; Esfera Acadêmica; Subjetividade; Gramaticalização.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the use of parenthetical cognitive verbs in theses and dissertations, highlighting their role in expressing subjectivity in academic texts. Verbs such as *believe*, *think*, *suppose*, and *deem* allow authors to express judgments and opinions in a balanced manner without compromising the objectivity of scientific discourse. The research investigates how these verbs, when used parenthetically, resemble adverbs and contribute to meaning construction. The findings reveal that formal academic writing incorporates these verbs to maintain subjectivity appropriately, enriching argumentation and strengthening the authorial stance.

**keywords:** Cognitive Verbs; Parenthetical Use; Academic Sphere; Subjectivity; Grammaticalization.

## 1. INTRODUÇÃO

Esse artigo tem como objetivo investigar os verbos cognitivos parentetizados em contexto de escrita acadêmica, mais especificamente em teses e dissertações, revela um fenômeno linguístico que não é primariamente alinhado ao discurso científico, dada a sua objetividade. Apesar disso, essa estratégia pode se materializar em alguns textos acadêmicos, com implicações significativas para a maneira como a subjetividade do autor é expressa sem comprometer a objetividade e a clareza exigidas nesse tipo de gênero textual. O objetivo deste estudo é compreender como esses verbos, ao serem inseridos de forma parentética, permitem que o autor transmita suas percepções, julgamentos e opiniões de maneira controlada e sutil, respeitando as normas acadêmicas e, ao mesmo tempo, enriquecendo a argumentação.

Verbos como *acreditar*, *supor*, *crer* e *pensar*, entre outros, são considerados epistêmicos porque expressam a atitude do falante em relação à proposição, refletindo sua crença, dúvida, certeza ou incerteza. Tradicionalmente, esses verbos funcionam como conectores de um objeto direto, integrando orações subordinadas que complementam a

<sup>1</sup>Graduanda em Letras pela UFMS. E-mail: lilian.okamoto@ufms.br.

proposição principal. No entanto, como apontado por Thompson e Mulac (1991), em alguns contextos acadêmicos, esses verbos adquirem uma liberdade sintática, funcionando de maneira semelhante aos advérbios, o que será explorado mais detalhadamente nas seções seguintes.

Esse fenômeno pode ser associado ao processo de gramaticalização, no qual os significados concretos de determinadas verbos são perdidos, tornando-se mais abstratos. Por exemplo, o verbo achar, que originalmente significa “encontrar algo”, passa a ser usado em contextos epistêmicos para expressar a ideia de “manifestar uma opinião”. Esse tipo de mudança semântica é um exemplo clássico de expansão conceitual, no qual um item linguístico adquire um novo significado em um domínio diferente da língua. Um exemplo adicional desse processo é o caso do advérbio já, que tradicionalmente indicava um aspecto temporal, mas atualmente pode desempenhar funções adversativas, alterando sua categorização morfológica para a de conjunção.

O objetivo desta pesquisa é examinar a ocorrência de verbos epistêmicos parentetizados em textos acadêmicos, a partir da análise de teses e dissertações. Para tanto, foram selecionados quatro verbos: acreditar, pensar, supor e crer. A análise será realizada com base em amostragem de dissertações e teses, excluindo citações diretas e anexos, para garantir que o foco esteja no uso dos verbos epistêmicos parentéticos no contexto da produção acadêmica original.

No contexto acadêmico, abordagens autoetnográficas e disciplinas críticas tendem a utilizar o recurso da parentetização de verbos epistêmicos, pois essas abordagens reconhecem a subjetividade como um componente válido e enriquecedor da pesquisa científica. O uso do parentético, tem se expandido para o domínio da escrita acadêmica, onde é utilizado para criar uma distância entre o autor e as proposições apresentadas, permitindo-lhe expressar suas crenças e dúvidas de maneira mais explícita.

Este estudo revela que a parentetização dos verbos epistêmicos não se limita ao registro informal, mas também está presente em contextos formais, como dissertações de mestrado e teses de doutorado. Nesse tipo de produção, o posicionamento do autor também tem valor social e acadêmico, e o uso desses verbos permite uma expressão reflexiva de sua postura em relação ao conhecimento apresentado. Os resultados indicam que a escrita acadêmica que incorpora subjetividade é particularmente propensa ao uso de verbos epistêmicos parentéticos, que contribuem para criar relações de sentido, como atenuação, concessão e crença, sem comprometer a integridade do discurso científico.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este artigo tem como objetivo investigar os usos dos verbos cognitivos parentetizados no contexto da escrita acadêmica, considerando que, nessa esfera, predomina o uso da objetividade. Para tanto, serão analisados casos selecionados em que ocorre a prática de inserir entre parênteses os verbos acreditar, supor, pensar e crer, fenômeno que recentemente tem sido observado com certa frequência nesses predicados. A pesquisa busca compreender as razões e os efeitos dessa prática, bem como sua relação com as normas de clareza e precisão que caracterizam os textos acadêmicos. Dessa forma, o estudo contribui para uma reflexão mais ampla sobre as escolhas linguísticas na construção de discursos científicos.

Em suma, a esfera acadêmica é o principal meio de produção e disseminação do conhecimento científico, sendo responsável pela realização de pesquisas e investigações em diversas áreas do saber. Nesse contexto, a presente investigação será conduzida com base na análise de dois gêneros textuais que a compõem: as teses e as dissertações. Esses gêneros são essenciais na formação de mestres e doutores, desenvolvendo habilidades como pensamento crítico e metodologia científica, além de desempenham um papel fundamental na consolidação do saber científico, pois representam não apenas o resultado de estudos aprofundados, mas também a contribuição dos pesquisadores para o avanço das ciências e a formação de novos conhecimentos.

No âmbito das classes de palavras, o verbo, semanticamente expressam ações, acontecimentos ou estado, já na perspectiva sintática, o verbo tem funcionalidade de núcleo do predicado das sentenças. Os verbos são classificados em diversas categorias, dentre as quais se destacam os verbos de cognição, que será o foco principal deste estudo. Os verbos cognitivos, expressam percepções, conhecimentos, ideias, crenças ou julgamentos, refletindo processos mentais que envolvem a elaboração de pensamentos. Esses processos, por sua vez, estão diretamente relacionados a questões de certeza e incerteza, revelando a subjetividade do autor. Assim, os verbos cognitivos não apenas desempenham uma função linguística, mas também contribuem para a construção da perspectiva do autor no texto, influenciando a interpretação e o posicionamento do leitor em relação ao conteúdo apresentado. O estudo desses verbos é, portanto, relevante para compreender como a linguagem reflete e constrói a subjetividade no discurso.

Segundo Halliday (1985), os verbos de cognição estão relacionados à decisão, à consideração, à crença, à memória, à compreensão e ao planejamento, sendo expressos por verbos como supor, pensar, achar, acreditar, imaginar, decidir, saber, entender, perceber,

compreender, planejar, considerar, entre outros. Por essa razão, os verbos de atividade mental estão intrinsecamente ligados à subjetividade do falante.

Tradicionalmente, os verbos cognitivos são vistos como encaixadores de orações completivas em posição de objeto, ou seja, geralmente exigem um complemento para completar seu significado, esse complemento pode ser um sujeito ou um objeto direto, mas também pode ser uma oração subordinada. Quando o verbo cognitivo exige uma oração como complemento, ele se torna o predicado principal da oração, enquanto a oração subordinada passa a funcionar como um complemento dependente do verbo principal. Essas orações subordinadas, chamadas de orações substantivas, possibilitam que o falante expresse seu posicionamento em relação à informação, como demonstrar certeza, dúvida, crença ou descrença. Esse comportamento revela o grau de comprometimento do falante com a informação que está transmitindo.

Embora sua estrutura tradicional, esses verbos podem ser vistos de um outro modo, conforme mencionado por Fortilli (2015, p. 1068) em:

Apesar desse comportamento típico, os verbos cognitivos são detectados em situações em que não encaixam nenhum complemento, mas ocorrem repetidamente como uma expressão fixa, realizando-se como uma unidade que, embora escope uma sentença toda, não constitui uma de suas partes.

Esse comportamento já havia sido notado pelos autores Thompson e Mulac (1991), nos verbos *I think* e *I guess*, o que fez com que passassem a ser entendidos como parênteses. Segundo Cristiano e Fortilli (2019), em *I think*, apresentam subjetividade, além de ganhar liberdade sintática, característica semelhante às da classe dos advérbios, também expressam opinião, pensamento e julgamento.

No português brasileiro, podemos perceber que ocorre algo similar na gramaticalização dos verbos, fenômeno responsável pela mudança linguística sob a perspectiva diacrônica. Um das características da gramaticalização implica na abstratização do significado, que se refere ao processo pelo qual um elemento, antes relacionado a referentes concretos, passa a adquirir traços mais abstratos. Isso pode levar à expansão conceitual (domínio funcional), frequentemente associada a uma nova forma, isto é, o ganho de novas funções. Hopper (1991) propõe alguns princípios sobre esse processo, o primeiro deles sendo a estratificação, onde novas formas surgem mas coexistem com as demais, fazendo com que a palavra passe a ter vários usos, um exemplo disso, ocorre no item já conforme Souza (2012), que originalmente era um advérbio aspectual, se estratifica em camadas de novos usos e passa a integrar o domínio das partículas adversativas, transformando-se em uma nova forma de categorização morfológica, a conjunção.

A investigação desse estudo, será realizada por meio dos verbos acreditar, supor, pensar e creio, levando em consideração o contexto de escrita acadêmica, dando ênfase as teses e dissertações, com o propósito de expor um novo funcionamento para esses verbos cognitivos, quando usados de maneira atípica, fenômeno esse nomeado *parentetização*.

## **METODOLOGIA**

A investigação ocorreu primeiramente por meio da investigação científica acerca da esfera acadêmica, para isso fez-se necessário o levantamento de conteúdos bibliográficos para suporte teórico.

Posteriormente, foram coletadas teses de doutorado e dissertações de mestrado com ênfase nas da área de ciências humanas, durante o levantamento de dados foi possível perceber que as etnográficas e autoetnográficas, eram mais suscetíveis ao fenômeno do corpus dessa pesquisa, a parentetização dos verbos cognitivos, uma vez que ao utilizar esse método de pesquisa, os autores apresentam seus resultados através da sua visão de mundo.

Desse modo, foram selecionadas quatro pesquisas brasileiras, a primeira tese de doutorado é do pesquisador Daniel Oliveira Baptista, licenciado em história e doutor pela universidade federal de Minas Gerais em antropologia, trabalha na área de ciências humanas e ciências políticas subárea em políticas públicas nos setores de atividade dentro da educação. A segunda dissertação é da mestra em filosofia Letícia Palazzo Rodrigues, pela universidade federal de Santa Catarina com o projeto intitulado “Liberdade, determinismo e possibilidades alternativas de ação”. Para o terceiro exemplo foi usada a tese de doutorado, intitulado “Capoeira Angola: educação musical e valores civilizatórios afro-brasileiros”, pela professora e doutora em música/educação musical, pela universidade federal da Bahia, Flavia Candusso. Por fim, o quarto e quinto exemplo foram retirados da mesma tese, intitulada “A construção do outro como não-ser como fundamento do ser”. Elaborada pela filósofa e escritora, Aparecida Sueli Carneiro, formada pela Universidade de São Paulo.

Com propósito de analisar todo o conceito da investigação, usando como base as referências bibliográficas para compará-las ao desenvolvimento do processo de parentetização dos verbos cognitivos na escrita acadêmica. Em todos os exemplos selecionados pode-se notar a presença da subjetividade do falante embora seja de conhecimento geral as especificidades da escrita na esfera acadêmica.

No recorte, contabilizando 4 teses e 1 dissertação, apenas considerando o material escrito quando o pesquisador é autor do seu próprio texto, excluindo-se as citações, entrevistas, dados externos e anexos. Por fim, os casos foram apurados, portanto pode-se

afirmar que continua havendo casos de verbos cognitivos parentetizados dentro da esfera acadêmica (como mostrou Cristiano, 2019), se tornando um recurso bastante útil na construção de novas pesquisas.

## **PARENTETIZAÇÃO DOS VERBOS COGNITIVOS**

Nessa seção, trata-se da descrição do funcionamento da parentetização dos verbos cognitivos. Ao definir como objeto de estudo, os verbos que normalmente são “encaixadores” de orações, mas que ao adquirem um novo uso, se tornando parentéticos.

Os autores Traugott e Dasher (2001) abordam esse processo, mostrando como o verbo *promise* pode aparecer de forma parentética na expressão *I promise you*, sem estar relacionado ao tempo futuro, mas indicando a certeza do falante sobre o que está sendo dito. Essa expressão é subjetiva, pois transmite uma garantia, funcionando como uma estratégia interpessoal. Como por exemplo:

*He is wasting his time badly here, I promise.* (Traugott; Dasher, 2001, p. 207)

(Ele está desperdiçando seu tempo aqui, eu garanto.)

*I promise you, you lie.* (Traugott; Dasher, 2001, p.207)

(Com certeza, você mente.)

Vale destacar que, ao mesmo tempo que o verbo mantém seu significado original, ele adquire como característica principal a capacidade de expressar a atitude do falante bem como, sua relação com o ouvinte.

Além disso, Schneider (2007) afirma que, as principais características dos parentéticos verbais, são sua entonação própria, comporta-se como uma pequena sentença; a falta de conexão sintática expressa por algum conector; a relação pragmática que mantém com a oração "hospedeira"; a interrupção prosódica que causa na sentença "hospedeira" e a função interpessoal fortemente presente.

Para que a partir desses parâmetros, seja possível analisar o uso de verbos cognitivos parentetizados no português brasileiro, em contexto de escrita acadêmica. Ao investigar os contextos comunicativos em que esse caso se manifeste, a fim de justificar as condições que ocasionam a sua utilização.

Para melhor compreensão, selecionamos alguns exemplos, coletados de plataformas *on line*, como as bibliotecas digitais de teses e dissertações. Tendo em vista que essa pesquisa tem como foco principal a análise desses documentos, demos preferência às áreas de ciências humanas, como podemos observar abaixo:

(01) Alexandre Dumas era negro. Apenas após dezessete vezes as quais eu assisti à essa película, apenas naquele instante, essa informação foi compreendida e processada. Foi

necessário que uma produção cinematográfica que carregava, em si, propósitos muitos diversos, eu suponho, de um romance ou artigo acadêmico, para que essa informação não apenas chegasse até mim- assim como, **acredito**, a muitos de nós -, mas, principalmente, fosse exposta a um grande público de maneira maciça e minimamente substancial. Mas se foi por intermédio de um filme de caráter ficcional que descobrimos - ou, que eu descobri - a condição racial de Dumas, por que não encontramos referências mais específicas e explícitas nas traduções de seus romances ou em livros e matérias que divulguem sua obra? (BATISTA, 2023, p. 42)

(02) Este ponto contribui crucialmente, **acredito**, para que sua psicologia "estranha" não seja afinal tão estranha assim. Não parece incomum que uma pessoa disposta a agir de forma ligeiramente errada, com base em razões egoístas, só possa ser desmotivada por alguma razão prudencial ou associação de ideias e sentimentos bastante peculiares à sua psicologia, sem que tenha consciência disso. (RODRIGUES, 2024, p. 110)

O verbo acreditar tem origem no verbo crer, cuja a etimologia remete a “dar credito”, “admitir como verdadeiro” e “aceitar”. No exemplo (01), acreditar manifesta uma crença, pois expressa a confiança do falante ao assumir uma posição. O mesmo ocorre em (02), onde o uso parentetizado do verbo acreditar não apenas tem a intenção de expressar crença e marcar o posicionamento e a opinião do falante, mas também busca relativizar a veracidade da informação apresentada.

Essa característica está relacionada à semântica do verbo, que apresenta um alto grau de subjetividade, uma vez que o seu próprio processamento mental está intrinsecamente ligado ao ato de crer, dar credibilidade ou considerar algo como verdadeiro. Esse verbo por sua natureza subjetiva, aproxima-se da modalidade epistêmica, permitindo ao falante expressar seu posicionamento em relação ao conteúdo proposicional. Por processar uma atividade mental mais ampla, sem especificar um processo cognitivo concreto, o verbo facilmente associa-se à modalidade epistêmica.

O uso parentético do verbo acreditar faz com que ele perca algumas de suas propriedades sintáticas, como de um segundo argumento que seria expresso pelo complemento verbal, e a cristalização do verbo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Nessa forma, ele deixa de ser o núcleo da oração e passa a funcionar como um elemento extraoracional, comportando-se como um advérbio modal epistêmico.

Esse uso permite que o verbo expresse o posicionamento do falante em relação a uma proposição, relativizando a veracidade da informação ou sinalizando de atitudes epistêmicas. Além disso, o verbo sofre um processo de descategorização, perdendo características típicas de verbos, como flexão de número e pessoa, e adquirindo maior mobilidade sintática,

podendo aparecer em posições medial e final na sentença. Dessa forma, acreditar deixa de estar associado a seu campo semântico original, como “dar crédito”, e reforça sua função de marcar a subjetividade do locutor.

(03) É uma abordagem metodológica completamente diferente da que se encontra na capoeira angola. Sem querer entrar no mérito do que é melhor ou pior, **penso**, porém, no professor de música que atua em uma escola pública, cujos alunos, oriundos de bairros populares e de baixa renda, estão acostumados a aprender a partir das várias situações que lhes são reveladas no dia a dia. Situações estas onde o todo raramente é fragmentado. Acredito que se o professor de educação musical estivesse ciente desta concepção holística de se relacionar com a música e com a vida e se ele estivesse sintonizado com as práticas e as formas de aprender de crianças e jovens, a interação e o trabalho em sala de aula provavelmente se desenrolariam de forma muito mais fluída, agradável, proveitosa e significativa. (CANDUSSO, 2009, p.169)

O verbo pensar tem origem do latim, *pēnsāre*, no século XIII, que etimologicamente significa “refletir”, “meditar”, “raciocinar”, “cuidar”, “tratar” e “curar”. Levando em consideração sua etimologia, é perceptível que algumas acepções como, cuidar, tratar e curar, se extinguiram ao longo do tempo.

Na ocorrência (03), assim como no caso de (01) e (02), observa-se que o verbo pensar deixa de encaixar uma oração completiva em posição de objeto e passa a fixar-se na primeira pessoa do singular. Ademais, a estrutura da sentença possibilita que o complementizador que, não se faça necessário. Esse processo evidencia uma trajetória de abstratização do verbo, que passa a atuar como um advérbio modalizador de natureza epistêmica.

O verbo desenvolve um processamento mental abstrato que está associado a atitudes e julgamentos. Quando o locutor pensa, ele desenvolve um processo mental subjetivo, conectando seus conhecimentos a respeito de algo que é o foco de sua reflexão. Dessa forma, percebe-se uma forte tendência de o verbo aparecer em configuração parentética, como em (03), apresenta uma tentativa de relativizar a informação, funcionando como um marcador discursivo que introduz a opinião pessoal do falante de forma sutil e reflexiva, sem impor a ideia como uma verdade absoluta. Também permite abertura para discordância por parte do interlocutor, ao mesmo tempo que quebra momentaneamente o tópico para destacar o posicionamento do autor.

(04) Exatamente, porque ele está vinculado a um centro que já disse que reunião só de negros, não. Mobilização só de negros, não pode. Você vê, essa acusação de racialização do espaço público, ela é hilária porque os brancos nos acusam de racializar o espaço público quando a gente faz propostas com base na identidade racial como se o espaço público onde eles estão não seja racializado, está, assim, **suponho**, naturalizado. (CARNEIRO, 2005, p.176)

O verbo *supor* tem origem do latim *suppōnĕre*, etimologicamente significa “suposto”, “fingido” e “falso”, e suposto, bem como a acepção de “hipoteticidade”. Percebe-se que, durante a trajetória do verbo *supor*, os significados originais incluíam: “colocar por baixo”, “submeter”, “substituir”, “alegar/estabelecer como hipótese”, “conjecturar” e “presumir”. Nota-se também outras nuances cujo *supor* remete a um campo cognitivo mais abstrato, relacionado ao desenvolvimento de uma atividade mental que envolve o ato de pressupor, considerar e imaginar.

O verbo *supor* pode ser observado atuando em duas nuances semânticas distintas, no campo da submissão e na hipoteticidade. Em (04), o verbo *suponho* revela a exclusividade de traços associados a “alegar hipoteticamente” e “presumir”. Pode-se concluir que na ocorrência (04), o falante faz uma ressalva que relativiza a verdade de sua afirmação, demonstrando uma tentativa de suavizar ou condicionar sua posição.

O verbo *supor* ao ser usado de forma parentetizada, na primeira pessoa do singular e no presente do indicativo, assim como as demais, resulta na perda de seus significados originais mais concretos, como “submeter ou atribuir algo”, e passa a expressar apenas o sentido de imaginação e subjetividade, em síntese, o uso do parentético de *suponho* sinaliza que o falante está expressando apenas sua visão pessoal, indicando a subjetividade e o posicionamento em relação ao que é dito.

(05) Concluído o ginásio, fui tentar fazer Contabilidade, no “Colégio Frederico Ozanan”, uma escola particular. Após um ano, com muita dificuldade porque detestava Matemática, entradas e saídas, ativos e passivos, fui fazer Colegial, voltei para a escola pública clássica, à noite, no “Macedo Soares”, ali na Barra Funda. O diretor era interessante, mas os professores não se interessavam tanto pelos alunos como nas escolas religiosas, e a discriminação era mais explícita. Eu tinha apenas três colegas e eram brancas, não havia muitos negros, nós os evitávamos. Eu porque eles eram o protótipo de tudo de mal que eu sempre ouvira falar no Lar sobre os negros. Ficavam no fundão, respondiam, não faziam as lições e eles, **creio**, porque eu me comportava como “branca”. No final do 2º ano, eu fui com as três colegas, mais alguns alunos, prestar supletivo no Rio Grande do Sul, minha mãe quase morreu porque faltava apenas um ano e esse negócio de supletivo não era sério. Eu vi uma oportunidade para viajar com colegas e fui. Saímos muito bem nas matérias que prestamos. Quando chegamos, soubemos que seria realizado o mesmo exame supletivo na própria escola. Fiz, fui aprovada. Fui fazer cursinho. (CARNEIRO, 2005, p.205)

Começando pela etimologia do verbo *creer*, vem do latim vulgar *credĕre*, possuem os seguintes significados: verbo transitivo, que “considera algo como verdadeiro”, “algo possível”, “desejo”, entre outros, o verbo intransitivo está ligada a crença religiosa enquanto o verbo pronominal como, imaginar, prever, considerar ou julgar. Conforme mostra a etimologia desse verbo, pode-se afirmar que inicialmente seu significado é de crença

religiosa, que com passar do tempo foi se generalizando, passando a ser usada em outros contextos.

Dessa forma, Barbosa (2019) afirma que quando analisamos os significados presentes no verbo *crer*, notamos que existem sentidos que permitem uma maior abstração do predicado, embora, outros mantenham essa expressão ligada a crença religiosa, credibilidade (financeira) ou atitude, isto é, o posicionamento que o falante assume.

Considerando esses aspectos, observa-se que, no exemplo (05) apresenta o verbo *crer* em configuração parentética, “Ficavam no fundão, respondiam, não faziam as lições e eles, **creio**, porque eu me comportava como (branca)”, percebe-se que o verbo em questão indica que o falante está expressando uma opinião ou suposição pessoal sobre o comportamento dos outros, sem afirmar com certeza absoluta. O uso do verbo parentetizado aqui sugere que o falante está refletindo sobre uma possível razão para a atitude dos colegas, mas deixando claro que se trata de uma percepção subjetiva, uma interpretação sua sobre a situação. Esse tipo de uso reforça a ideia de que a opinião do falante é baseada em sua própria experiência e perspectiva, e não em uma certeza objetiva.

Tendo em vista todos os casos analisados, concluo que assim como os demais verbos, o uso parentético de *crer* reforça sua abstração, caracterizada pela perda de propriedades sintáticas e por ganhos em termos semântico-pragmáticos. Quando utilizado em sua forma parentética, o verbo *crer* tende a fixar-se na primeira pessoa do singular e no presente do indicativo, deixando o complementizador *que*. Essa característica possibilita interpretá-lo como um advérbio modal de natureza epistêmica. O uso parentético de *crer* evidencia um processo de descategorização, já que, ao não encaixar uma oração completiva, o verbo passa a atuar como uma construção independente. Nessa configuração, ele pode surgir em posição medial ou final na frase, rompendo com a linearidade do tópico discursivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos verbos cognitivos parentetizados no contexto da escrita acadêmica revelou uma prática linguística que, embora atípica, tem se tornado cada vez mais frequente, especialmente em teses e dissertações. A partir da investigação dos verbos acreditar, supor, pensar e *crer*, foi possível observar que a parentetização desses verbos resulta em uma configuração distinta tanto de sua estrutura sintática quanto de sua função semântica e pragmática.

Nos exemplos analisados, os verbos cognitivos, tradicionalmente usados como encaixadores de orações completivas, passaram a funcionar como unidades autônomas, com maior flexibilidade sintática. Aparentemente, essa prática visa relativizar a certeza das proposições apresentadas, conferindo ao autor um espaço para expressar subjetividade e posicionamento pessoal. Esse fenômeno está diretamente relacionado à perda de propriedades sintáticas típicas desses verbos, como a necessidade de complementação com orações subordinadas, e ao ganho de uma nova função discursiva, mais voltada para a expressão de atitudes epistêmicas.

O uso parentético desses verbos não apenas reflete uma mudança no comportamento linguístico, mas também aponta para uma adaptação do discurso acadêmico, que, embora preze pela objetividade, parece permitir uma certa flexibilidade para o autor expressar sua subjetividade. Esse processo de “descategorização” dos verbos cognitivos, como observado, pode ser interpretado como uma tentativa de suavizar afirmações e abrir espaço para a discordância ou reflexão crítica por parte do interlocutor, sem comprometer a clareza do argumento.

Em termos de normas acadêmicas, a prática da parentetização dos verbos cognitivos pode ser vista como uma estratégia discursiva que reforça a posição do autor, sem, no entanto, recorrer a uma certeza absoluta. Ao relativizar a veracidade das informações, o autor se coloca como parte ativa do discurso, deixando claro que o conhecimento apresentado é uma construção pessoal, sujeita a revisão e questionamento. Essa prática, portanto, não contraria os princípios de clareza e precisão, mas os amplia, permitindo uma comunicação mais nuançada e reflexiva.

Em suma, o estudo da parentetização dos verbos cognitivos em textos acadêmicos contribui para uma compreensão mais aprofundada das escolhas linguísticas no discurso científico. Ao investigar como esses verbos funcionam fora de suas estruturas tradicionais, a pesquisa oferece uma nova perspectiva sobre a construção da subjetividade no contexto da escrita acadêmica, destacando a importância do posicionamento do autor e a flexibilidade linguística no desenvolvimento do conhecimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. M.** Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HALLIDAY, M. A. K.** An Introduction to Functional Grammar. Baltimore: Edward Arnold, 1985.
- HOPPER, Paul J.** On some principles of grammaticalization. In: E. Traugott, B. Heine. (orgs.). Approaches to grammaticalization. Vol. 1. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991, p. 17-35.
- VYGOTSKY, L. S.** A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BARBOSA-SANTOS, Leticia de Almeida; FORTILLI, Solange de Carvalho. Aspectos semânticos dos verbos cognitivos deduzir e calcular no português. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 48, n. 2, p. 629–647, 2019. DOI: 10.21165/el.v48i2.2199.
- BARBOSA-SANTOS, L. A. . O significado modal e o uso parentético: uma investigação dos verbos cognitivos no português. **UNILETRAS** , v. 43, p. 1-17, 2021.
- BARBOSA-SANTOS, L. A. **O uso de verbos cognitivos em construções parentéticas epistêmicas: uma abordagem do ponto de vista da gramaticalização.** Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Letras) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2019.
- BAPTISTA, Daniel. **A palavra dos clandestinos: escrituras episódicas e racismo estrutural a partir da experiência cotista negra do PPGAN-UFGM. 2023.** Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.
- CANDUSSO, Flavia. **Capoeira angola, educação musical e valores civilizatórios afro-brasileiros.** Salvador: Universidade Federal da Bahia. Tese de Doutorado em Música, 2009.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CORREIA, K.; CASSOL DAGA, A. Compreensões sobre a formação para o/do ato de escrever na esfera acadêmica sob a perspectiva histórico-cultural. **Revista Linguagem & Ensino**, v. 22, n. 3, p. 595-615, 3 out. 2019.
- COSTA, S. P. T. DA S.; FURTADO DA CUNHA, M. A. A CONSTRUÇÃO COM VERBOS DE COGNIÇÃO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM ESTUDO PRELIMINAR. **Gragoatá**, v. 21, n. 40, 1 jul. 2016.

CRISTIANO, Lucas Borel; FORTILLI, Solange de Carvalho. Marcadores discursivos de base verbal: duas hipóteses de mudança em casos do verbo “crer”. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 50, n. 1, p. 108–125, 2021.

CRISTIANO, L. B.; FORTILLI, S. C. Os parentéticos epistêmicos em contexto de escrita acadêmica. **Relatório de Pesquisa**. Campo Grande, 2019.

FORTILLI, S.C. . Parentetização de verbos de atividade mental no português falado e escrito. In: VII SINEFIL, 2015, Campo Grande. **Revista Philologus**, 2015. p. 1067-1077.

GADOTTI, J. ; HEINIG, O. L. O. M. . GÊNEROS DISCURSIVOS NA ESFERA ACADÊMICA. In: I Colóquio Nacional: diálogos entre linguagem e educação e VII Encontro do NEL, 2012, Blumenau. **Anais do I Colóquio Nacional: diálogos entre linguagem e educação e VII Encontro do NEL**. Blumenau: NEL/FURB, 2012. v. 1. p. 1-12.

RODRIGUES, Letícia. **Liberdade, determinismo e possibilidades alternativas de ação**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Florianópolis, 2024.

OLIVEIRA, A. M. ; ACOSTA PEREIRA, R. . Os gêneros do discurso na esfera acadêmica: reverberações dialógicas. **REVISTA LETRAS (UFSM/ON-LINE)** , v. 29, p. 13-35, 2019.

SOUZA, E. R. F.. **Gramaticalização dos itens linguísticos assim, já e aí no Português Brasileiro**: um estudo sob a perspectiva da Gramática Discursivo-Funcional. 1. ed. Muenchen: LINCOM EUROPA v. 1. p. 273, 2012.